

## REESCREVENDO A HISTÓRIA: O RITUAL DE ENGUIND CONTADA PELAS MULHERES FELUPES

Elizabeth Essamai Manga<sup>1</sup>  
Natalia Cabanillas<sup>2</sup>

### RESUMO

A cerimônia ritual é uma das mais importantes para a classe feminina e tem uma grande importância sociocultural e espiritual para as mulheres felupes. Assim, o objetivo deste resumo é descrever a visão das mulheres felupes sobre o ritual de Enguind, uma vez que elas são as principais responsáveis pela organização e transmissoras dos conhecimentos sobre Enguind. Para obter os resultados da pesquisa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com base na metodologia descritiva, que consiste na coleta de informações sobre o tema, e exploratório, que inclui entrevistas semiestruturadas, tanto online quanto presencialmente, em duas línguas (crioulo e Felupe) e traduzida para o português. As entrevistas foram feitas com mulheres do grupo étnico Felupe, sobretudo as que já participaram desse ritual. Neste caso, cinco mulheres que moram na aldeia e cinco que moram na diáspora (Brasil), para ter mais dados sobre o tema em questão. Os primeiros resultados da pesquisa indicam que o ritual não é apenas um evento qualquer, mas é uma conexão espiritual entre as mulheres da comunidade e outras comunidades, reforçando o grande papel dessas mulheres como pilares da sociedade felupe, onde as mais velhas têm um papel fundamental como preservadoras das tradições, reforçando a continuidade desse ritual.

**Palavras-chave:** reescrevendo a historia; ritual de Enguind; mulheres felupes.

---

UNILAB-(BPI/FUNCAP), Palmares, Discente, [essamaimangaelizabeth@gmail.com](mailto:essamaimangaelizabeth@gmail.com)<sup>1</sup>  
UNILAB-(BPI/FUNCAP), Palmares, Docente, [nataliacabanillas@unilab.edu.br](mailto:nataliacabanillas@unilab.edu.br)<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Em algumas etnias da Guiné-Bissau e nas estatísticas nacionais é possível notar a desigualdade de gênero, sobretudo no momento de tomar decisões. Mas a Etnia Felupe é um pouco diferente, pois, de acordo com Botelho (2019), a sociedade felupe é igualitária e não hierárquica, porque existe uma assembleia de mulheres e outra de homens, onde fazem reuniões e no final ambas discutem sobre problemas diários e futuro da aldeia em conjunto. Isso mostra como igualdade de gênero é respeitada nessa sociedade onde promovem um ambiente onde todos se sentem valorizados. Segundo a percepções das mulheres felupes o Enguind é uma cerimônia que reforça o poder feminino, os valores da mulher e fortalece os laços entre aldeias felupes, pois durante a realização desse ritual, tanto mulheres felupe da aldeia de Elia e outras aldeias participam de todos os momentos.

De acordo com as mulheres felupes, o Enguind é um rito tradicional do grupo étnico felupe, focado nas mulheres felupes, onde as mais velhas têm um papel crucial. Assim sendo, o propósito deste resumo é apresentar a perspectiva das mulheres felupes entrevistadas acerca do ritual de Enguind, uma vez que elas são as principais responsáveis pela transmissão de informações sobre o assunto. Sarlo(2007), destaca a relevância da narrativa oral como um dos elementos que valorizam a memória e legitimam as narrativas contadas pelas pessoas, através da reconstrução histórica do passado.

Geograficamente, o grupo étnico felupe está situado na costa ocidental da África, nos seguintes países: Guiné-Bissau, Senegal, Gâmbia e Mauritânia. A aldeia de Elia ocupa uma área de cerca de 32 km<sup>2</sup>, com habitantes, na sua grande maioria, da etnia Felupe e, conseqüentemente, falantes da língua Felupe.

De acordo com Bolanha (2013), a comunidade Felupe é conhecida por ser uma das etnias que recusaram a entrada dos colonizadores nas suas terras, sempre lutaram pela preservação das suas culturas e tradições. O colonizador deu outro nome a esse grupo do "povo Rebelde", devido à revolta dos Felupes em relação às suas terras no século XV e por não concordarem com a ideia que os colonizadores tinham na época. Dessa forma, a comunidade felupe não teve uma grande ligação com a língua portuguesa e também recusava a ideia da construção das igrejas na aldeia.

## METODOLOGIA

Há pouca literatura sobre a cultura Felupe, especialmente a respeito do ritual de Enguind, e as poucas que existem não refletem a realidade, já que consideram-o como baile das mulheres, em vez de um ritual. Dessa forma, nesta pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas trazendo as falas das mulheres para falar sobre o significado do ritual Enguind, dando mais voz a essas mulheres, que muitas vezes não são consideradas como uma fonte de conhecimento. O trabalho também utilizou o conceito de "Escrevências", da escritora Evaristo Conceição, como uma alternativa para a produção das escritas. A autora criou essa palavra para permitir às mulheres negras que vão além da história que possuem o próprio olhar, a vivência dela perante o assunto de cada situação, ela afirma que "Atesta-se a presença e o poder de uma tradição viva" CONCEIÇÃO p.16, 2020). Bell Hooks também reforça que a ideia de escrever está profundamente ligada à experiência vivida por uma pessoa. Por outro lado, também foram usadas as imagens das mulheres felupes que estavam vestidas de trajes de Enguind para desmontar os significados dos panos

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa indicam que o ritual não é apenas um evento qualquer, mas é uma conexão

espiritual entre as mulheres da comunidade e outras comunidades, reforçando o grande papel dessas mulheres como pilares da sociedade felupe, onde as mais velhas têm um papel fundamental como preservadoras das tradições, reforçando a continuidade desse ritual.

De acordo com a interlocutora D, antes do dia do Ritual há um período de preparação e três fases chamadas de "burra", nas quais as mulheres são instruídas sobre o significado do ritual das tradições. Nas primeiras etapas de burra, as mais jovens passam por um momento de aprendizado onde são preparados espiritualmente para a cerimônia do Enguind e envolve oferta de animais aos espíritos ancestrais como forma de agradecer aos que já vieram e a proteção divina, a segunda, as mais velhas convocam todas as mulheres que vivem no Oeste e ocidental da África, (Bissau, Senegal e Gâmbia) para uma cerimônia que durará dois dias e na terceira fase, elas retornam para realizar a última cerimônia, que tem duração de dois dias, onde as mais velhas decidem a data do ritual de Enguind, a contribuição das bebidas, os animais que cada uma deve dar e as regras a serem seguidas. Em seguida, as mulheres retornam aos seus países para finalizar as preparações de panos e outros materiais. Ao ser questionada sobre o ritual, ela responde:

O Ritual de Enguind envolve ensinamentos sobre as nossas tradições, os poderes femininos, e, no final do ritual, dançamos e cantamos. Também expressamos nossa gratidão ao deus por nos conceder a vida, onde realizando sacrifícios de animação para pedir proteção durante o ritual. A interlocutora D [entrevista concedida a Elizabete Essamai Manga. Informação verbal.], 2024.

As participantes no penúltimo e último dia do ritual se vestem panos enfeitadas por elas mesmas, segundo a entrevista B, as cores desse panos estão associadas a faixa etária e a fertilidade. Utiliza-se o pano vermelho para mulheres mais velhas, branco para casadas e preto para as solteiras. Ao ser questionada sobre as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, ela afirmou que houve uma grande mudança, especialmente no uso dos tecidos. Atualmente, as mulheres solteiras usam pano branco para dançar, mas ainda há um grande respeito pelo pano usado pelas mais velhas.

O Enguind é um ritual considerado o ritual mais importante das mulheres da etnia felupe, pois mostra a autonomia das mulheres e é transmitido de geração em geração, com duração, normalmente de quatro dias, e com orientação das mais velhas. Em cada uma das aldeias felupes, as mulheres são encarregadas de realizar os seus próprios rituais. "Eu acho o Enguind o melhor ritual feminino, porque aprendi com as pessoas mais velhas e também encontrar outras mulheres que não via há muito tempo. Nós dançamos, cantamos e bebemos juntos. Isso é bom para ensinar as pessoas a não competirem entre si". Interlocutora B [entrevista concedida a Elizabete Essamai Manga. Informação verbal.], 2023

Então, pode-se notar que o ritual de Enguind tem grande importância na vida das mulheres, pois fortalece os laços entre mulheres de diferentes aldeias e união entre elas. Uma das regras fundamentais do ritual é que, durante a dança, somente mulheres com filhos podem dançar. "Desde a época das nossas avós, só é permitido participar o Enguind das mães solteiras e mais velhas. Segundo a interlocutora C (2023), isso nos faz pensar que a maternidade é uma porta de entrada para participar do Enguind na comunidade da etnia felupe. Por outro lado, todas as mulheres casadas ou mães solteiras que estão na diáspora, mas não terão como participar, envie uma contribuição simbólica para ajudar a comprar as bebidas para os hóspedes que vão participar.

## CONCLUSÕES

Desse modo, conclui-se que a oralidade e o base para reescrever a história e de resistência das mulheres da etnia felupe, pois no que diz respeito à utilização da oralidade em trabalhos acadêmicos, a linguagem só é aceita se for de acordo com os padrões ocidentais e europeus. Assim sendo, espera-se que a pesquisa ajude a

compreender o papel das mulheres mais velhas em conduzir o ritual, onde orientam as mais jovens sobre os significados do ritual e contribuindo para a preservação de tradições entre as gerações.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora pela colaboração na realização deste projeto, às minhas amigas do projeto, à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) pelo financiamento da pesquisa intitulada Reescrevendo a história: o ritual de Enguind contada pelas mulheres Felupes, executada entre 04/2022 (vigência 01/2023-12/2024), coordenada pela prof. Dra. Natalia Cabanillas, professora do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e coordenadora do Projeto de pesquisa Gênero (s) e Feminismo (s) na África Global (BPI/FUNCAP), e por último, agradeço à comissão da Semana universitária pela chance de abrir portas para os nossos trabalhos serem apresentados.

## REFERÊNCIAS

- BÂ, Amadou Hampaté et al. A tradição viva. História geral da África, v. 1, p. 167-212, 2010.
- BAYAN, Lúcia Maria Teixeira Lopes do Rêgo. Autoridades Tradicionais, insegurança alimentar e gestão de recursos: um estudo de caso no Reino Felupe de Suzana (Guiné-Bissau). 2010. Tese de Doutorado.
- BOLONHA, Ludmila Melo da Costa et al. O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau. 2013. Dissertação de Mestrado.
- BOTELHO, Inês Marques. Modos de vida e a socialização das crianças em África: O estudo de caso numa aldeia Felupe da Guiné-Bissau. (Dissertação) Mestre em Sistemas Agrários Tropicais: Produção, Sociedade e Políticas. Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa. 2019.
- MEIRINHO, Daniel; BARRETO JANUÁRIO, Soraya. Fotografia participativa e relações de gênero: uma experiência visual com mulheres guineenses. Revista Fronteiras, v. 20, n. 2, 2018.
- Relatos [Entrevista cedida a Elizabete Essamai Manga. Informação verbal.]
- Entrevista concedida para o Grupo de Pesquisa CNPq "Gêneros e feminismos na África Global". Elia, Guiné-Bissau, 2024.
- SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.